

O MINISTÉRIO adventista



©

HOMEM,
A IMAGEM
DE
DEUS

H. SOUZA Lima 76

Outra Vez Evangeliz

A palavra liberdade tem mil significados diferentes, dependendo dos lábios que a pronunciem ou da mente que pretenda defini-la. O que para um é liberdade, é escravidão para outro, e vice-versa. O mesmo sucede com a palavra evangelismo, anglicismo que temos usado no passado e que hoje trocamos por evangelização. Que é evangelização? Que diferença há entre evangelização e proselitismo, evangelização e batismo ou evangelização e um conjunto de paróquias?

Lemos, faz algum tempo, um interessantíssimo livro intitulado, *Evangelização ou Lavagem Cerebral?*, em que o autor, acertadamente, define alguns métodos supostamente evangélicos como lavagem cerebral. E tinha justa razão!

Para um Testemunha de Jeová, evangelização significa destruir toda idéia religiosa que possa existir na mente de seu interlocutor, para despejar, logo a seguir, no vazio resultante, um fardo de doutrinas cuidadosamente elaboradas. Enquanto isso um pentecostal não estará nem um pouco preocupado com doutrinas. Para ele tudo se resume na pregação do recebimento do Espírito Santo na forma em que ele o entende. Para um a salvação é doutrina sem emoção, para outro é emoção sem doutrina. O primeiro não dá importância à vida do indivíduo, senão à aceitação de um sistema de doutrinas, ao passo que o segundo põe ênfase na mudança de vida.

Por sua vez os metodistas e outros seguidores da teologia da libertação, dirão que evangelização é sinônimo de luta por uma sociedade mais justa a que a igreja deve estar profundamente comprometida. Um documento emitido pela Igreja Metodista da Bolívia, intitulado *Evangelização Hoje na América Latina*, afirma que a evangelização em seu

conteúdo, sua essência e seus objetivos, estabelece conflitos. Além disso "é compromisso", pois implica numa denúncia de tudo o que não está em harmonia com o evangelho". Acrescenta, logo a seguir, que "uma evangelização alheia às lutas, sofrimentos e esperanças da maioria do povo latino-americano, não só é negação do evangelho libertador de Jesus Cristo, mas, também, pecado de traição a quem pretendemos servir e libertar em nome do Senhor".

Gustavo Gutiérrez, autor do livro *Teologia da Liberdade*, define evangelização, ou missão da igreja, como a ação de "cientizar e politizar as massas". Especificamente, "no contexto latino-americano atual quer dizer que a igreja deve politizar evangelizando". (Citado no Boletim Teológico de Julho de 1975, página 8).

Que pensa um luterano, um presbiteriano ou um mórmon sobre o significado do termo evangelização?

Mas, agora, chegamos a nós: Que crê você como pastor? Que é evangelização? É a sua evangelização uma verdadeira apresentação do evangelho ou é também uma lavagem cerebral? Ao batizar um novo crente você pensa mais em um número para o seu relatório estatístico, ou em termos de uma alma resgatada do pecado, passando da morte para a vida? Alegra-se por tratar-se de um triunfo que você alcançou ou pelo fato de que é uma vitória de Cristo na conquista de uma alma?

Há evangelização profissional e evangelização de comunicação. A evangelização profissional seria, por exemplo, uma evangelização em que o ministro não sente nem vive a mensagem. Consiste no aperfeiçoamento de um sistema que conseguirá adesões a uma organização. De fato tem havido homens e mulheres que embora vivendo em pecado, têm alcançado êxito numérico em campanhas de evangelização. Este seria um trabalho profissional de alguém que se convence de alguma coisa

em que não crê, a que não está disposto a aceitar.

Seria também evangelização profissional a realizada pelo leigo que aos sábados se dedica a distribuir publicações, apenas por achar que deve aceitar a instrução de trabalho que a igreja lhe pede que o faça. Mas aquele trabalho lhe é um pesadelo.

Teriam também cunho profissional os trabalhos dos que ensinam como ganhar almas e a dedicação de um especialista em promoção missionária, se nessas pessoas não houvesse uma paixão a levá-las a agir de coração, a lutar e sofrer ao lado do pecador, conduzindo-o ao arrependimento e à entrega a Cristo. Esta seria uma evangelização profissional.

A evangelização de comunicação é regida por um sistema ou um método, ou pela técnica. Há irmãos humildes que não conhecem nada de psicologia, nem de técnica, mas alcançam resultados maravilhosos. Às vezes começam por aquelas verdades que os técnicos acham que não devem ser apresentadas até que o ciclo da doutrinação haja sido completado ou mudado. Sem embaraço atingem, muitas vezes, o alvo. Por quê? Por sua espontaneidade, pela autoridade e pela sinceridade com que apresentam algo que brota de um coração radiante. Apresentam aquilo que viram e ouviram. Algo que é parte de sua vida. Fazem-no com sinceridade. "Não podemos deixar de dizer o que temos visto ou ouvido", disseram os apóstolos.

A obra de Deus chegará a seu termo não em virtude de haver sido descoberto algum método novo e milagroso de alcançar as massas, mas, sim, pelo descobrimento do que é, realmente, evangelização. Embora os aparelhos eletrônicos e audiovisuais, bem como mil equipamentos possam ser ajudas valiosíssimas, a influência do testemunho não encontra apoio nessas coisas. A obra será terminada quando nossa igreja der o primeiro lugar à evangelização. Terminará quando nossas mesas administrativas dis-

ação

pensarem mais tempo ao estudo profundo e sincero do território que lhes foi confiado a fim de ser evangelizado, e quando deixarem de lado muitos pontos de suas agendas. Será também quando nós, pastores e evangelistas sentirmos, de coração, que não somos simplesmente empregados de uma organização religiosa, mas, sim, ministros de Cristo, chamados para pregar a reconciliação do homem com Deus; e, sobretudo, quando não houver qualquer vestígio de proselitismo e lavagem cerebral, se essas coisas existirem, realmente, em algum lugar da Vinha do Senhor. Terminará quando entre os ministros desaparecer toda e qualquer preocupação com posições, e quando houver paixão pela salvação dos perdidos. E, finalmente, o trabalho chegará a seu termo quando o pastorado e o sistema de evangelização forem considerados pela igreja, recebendo dela todo o apoio, tornando-se, portanto, este trabalho, objeto de ferventes orações em seu favor.

A missão da igreja é evangelizar. Evangelizar não significa politizar, convencer ou fazer prosélitos. É salvar pecadores mediante a apresentação do plano de salvação traçado por Deus. A evangelização da Igreja Adventista do Sétimo Dia não está circunscrita a um departamento. De fato não existe Departamento de Evangelização, frequentemente mencionado por nós. A evangelização é a obra da administração, dos departamentos, das instituições, dos programas, dos educadores, do corpo médico, dos pastores, dos leigos e dos evangelistas.

Senhor, dá-nos a visão celestial a fim de que compreendamos hoje a missão confiada à Tua Igreja, e para que demos às coisas mais importantes o primeiro lugar! Senhor, que queres que façamos?

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA

— Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Santo André, São Paulo.

Ano 42 Mar.-Abr., 1976 N.º 2

Esta revista acha-se registrada no DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

GERENTE GERAL —
BERNARDO E. SCHUENEMANN

REDATOR-CHEFE —
CARLOS A. TREZZA

REDATOR-RESPONSÁVEL —
OTTO S. JOAS

COLABORADOR ESPECIAL —
RUBÉN PEREYRA

COLABORADORES —
ENOC DE OLIVEIRA, ÉLBIO PEREYRA e CARLOS E. AESCHLIMANN

DEPTO. DE ARTE —
HENRIQUE C. KAERCHER

DIAGRAMAÇÃO —
FRANCISCO MARQUES
ERLO KÖHLER

Assinatura Anual	Cr\$ 48,00
	US\$ 6,00
Número Avulso	Cr\$ 8,00
	US\$ 1,00

NESTE NÚMERO

De Coração a Coração: Outra Vez Evangelização	2
Evangélicos em Debate Crucial Com o CMI	4
Resposta Divina às Necessidades de Nosso Ministério	8
Perguntas e Respostas Sobre Doutrinas	18
O Homem, Imagem de Deus	12
A Casa Que Canta	16
Notas Breves	24

Evangélicos em Debate Crucial Com o CMI

É um fato da recente história eclesiástica que as igrejas dirigidas por evangélicos conservadores em geral, não se têm unido ao Concílio Mundial de Igrejas (CMI). Esta abstenção é porque não crêem que o CMI representa legitimamente a especificidade da unidade em Cristo. Além disso, elas têm sérias restrições acerca do desenvolvimento, em atividades sócio-políticas duvidosas e, às vezes, divisórias, das limitadas energias e recursos do CMI e das igrejas que ele representa.

Em realidade, durante os últimos vinte e cinco anos de sua existência, o CMI não tem promovido muitos debates teológicos formais com igrejas que não são membros desse Concílio. Do ponto de vista do CMI, os debates com a Igreja Católica Romana têm sido, indubitavelmente, os mais importantes. Tem havido alguns debates, mas não conversações formalizadas, com os batistas do Sul. Também houve debates com representantes da Igreja Luterana — Sínodo do Missúri, mas estes não foram estruturados ou prosseguidos durante certo período de tempo.

De especial significação, dentro dos amplos limites do diálogo CMI-Evangélicos Conservadores, têm sido os debates com o Sínodo Ecumênico Reformado e com representantes da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Representantes do CMI entraram duas vezes em contato com os moderadores do Sínodo Ecumênico Reformado. De 1965 a 1972 foram efetuadas conversações anuais regulares entre um pequeno grupo de eruditos adventistas e representantes da Comissão Fé e Ordem do Concílio Mundial de Igrejas, as quais conduziram a melhor compreensão da parte desses oficiais, no tocante à doutrina, crença e prática dos adventistas do sétimo dia. Escritos produzidos como resultado dessas discussões foram publicados em conjunto, sob o título *So Much in Common* ("Tanto em Comum").

Que desejamos dizer com o uso das palavras "Debate Crucial com o CMI", no título? Não, certamente, que críticas e censuras tenham sido o principal assunto das conversações. Tampouco queremos indicar que essas conversações têm sido, *sempre*, um exercício de crítica teológica em alto

nível. Ademais, os debates não têm sido cruciais ou críticos até o ponto de já haverem conduzido a uma crise que decidirá seu resultado favorável ou desfavorável. "Crucial" no contexto deste artigo quer dizer simplesmente que os debates com o CMI e os evangélicos conservadores, envolvem cuidadoso discernimento com respeito à verdade, sendo, portanto, de importância decisiva e crucial quanto a seu resultado.

Conceito Bíblico de Unidade

O primeiro problema fundamental é a maneira do CMI lidar com o conceito bíblico de "especificada unidade em Cristo". No Novo Testamento esta unidade é apresentada como qualificada unidade na verdade, caracterizada por santidade, fidelidade e obediência à palavra apostólica e aos mandamentos de Deus. O NT indica, porém, que a especificada e visível unidade em Cristo é ameaçada por penetração anticristã.

O estabelecimento, algum dia, de completa unidade orgânica das igrejas é tido como certo nos documentos do CMI (como, por exemplo, em "Testemunho Comum e Proselitismo"). O NT fala, porém, de apostasia final. Ele prevê elementos anticristãos no interior do cristianismo organizado, no "templo de Deus" (II Tess. 2:4). O quadro apocalíptico e escatológico, no NT, do povo de Deus antes da *parousia* não é o de uma igreja colossal, reunindo todas as igrejas em união orgânica e aproximando toda a humanidade, mas o de um "remanescente" comparativamente pequeno, guardando os "mandamentos de Deus e [tendo] o testemunho de Jesus" (Apoc. 12:17).

As declarações do CMI apresentam amiúde a especificada unidade sem qualificação (como, por exemplo, a declaração Toronto-1950, sobre a Igreja). A dificuldade em que se encontram os evangélicos conservadores propensos à união é como se unirem ao CMI e exaltarem diante dos homens a Cristo, o Salvador divino, manifestando a especificada unidade da igreja, sem negarem ao mesmo tempo esse Salvador e essa unidade pela "comunhão" com o falso evangelho humanístico que aparentemente tem amplo acolhimento em não poucas igrejas pertencentes ao Concílio Mundial.

Autoridades das Escrituras

A posição da maioria ecumênica para com a Bíblia, sua autoridade e interpretação,

é outro problema crítico a ser enfrentado. Os evangélicos conservadores percebem que a tendência nos círculos ecumênicos (como em geral na vida eclesiástica contemporânea) é para desvalorização da autoridade normativa da Bíblia. Esta, por si mesma, não é considerada inspirada, normativa e autorizada. Para muitas igrejas que não são membros do CMI, a Bíblia é, porém, não só um relato normativo da revelação de Deus e de Seu trato com os homens, mas também uma unidade.

Embora a ênfase sobre a harmonia e unidade bíblica possa ser encontrada nos primeiros tempos do CMI,¹ a tendência ecumênico-evolucionária em Fé e Ordem, pelo contrário, tem convergido para a inspiração como experiência, diversidade bíblica e mesmo contradição.

Os evangélicos conservadores manifestam preocupação com referência à atual maneira de encarar a Bíblia em muitos círculos ecumênicos, baseada em tais conceitos aéreos e elásticos como relatividade, flexibilidade, fluidez, interpretação progressiva, situação contemporânea, inspiração em imediato envolvimento existencial. Eles receiam que onde a Bíblia não é aceita como normativa em sua aceção direta, tenha sido destruído o próprio fundamento da confiança e autoridade bíblica. Isto tenderia a dar ao intérprete individual uma carta branca teológica para escolher do testemunho bíblico os aspectos que ele quer apresentar como pertinentes a sua própria comunidade.

Por outro lado, os participantes do CMI nos debates têm salientado que o uso "autorizado" ou de "prova textual" das Escrituras pode revelar uma mentalidade simplista, e afastar as pessoas pensantes. A questão dirigida aos evangélicos conservadores é como evitar o mau uso da autoridade bíblica em sentido despótico.

O terceiro ponto que requer adicional consideração e esclarecimento ecumênico é o problema da divisão. "A divisão é pecado", e o "escândalo de nossas divisões" tem-se tornado senhas populares nos círculos do CMI. Os debates do CMI com igrejas que não são membros desse Concílio indicam que há necessidade de qualificação e de maior discriminação no uso dessa terminologia. Deve ficar claro que nem toda unidade eclesiástica é bíblica e que nem toda separação é pecaminosa. Afinal de contas, a separação a fim de preservar a

pureza do evangelho e o claro testemunho da Palavra de Deus, é um mal muito menor do que a unidade em erro e perversão.

Acaso não existe o perigo de o movimento ecumênico sufocar o avivamento e a reforma espirituais, pelo fato de poderem ocasionar o pretense "pecado da divisão"? Com efeito, um aspecto de dinâmicos avivamentos espirituais, tais como a Reforma, o Avivamento Evangélico (incluindo o Metodismo e o *Réveil* na Suíça) tem sido a tendência de criar novas denominações.

Como é óbvio, o denominacionalismo tem estado repleto de auto-enganos e de excessos absurdos, mas também tem sido o fruto de vívida experiência e renovação religiosa. Tem desempenhado uma parte em defesa da liberdade humana e da liberdade religiosa. Os ecumenistas não podem passar por alto o fato de que alguns dos elementos mais vitais e dinâmicos da história cristã resultaram de incômoda dissidência, e não de confortável acordo *status quo*.

O sincretismo religioso é o quarto ponto que precisa ser enfrentado com franqueza. Alguns ecumenistas parecem realçar o ponto de vista de que as diversas tradições cristãs apresentam versões deturpadas do cristianismo e que as igrejas devem ser juntadas numa espécie de mistura de "coquetel", a fim de oferecer o sabor autêntico e equilibrado.

O presente diálogo almejado pelo CMI com homens de "fés vivas" aumenta o perigo de o sincretismo corroer o âmago do cristianismo, porque tais religiões como o hinduísmo e o budismo são essencialmente sincréticas. Na verdade, os evangélicos conservadores vêem obstáculos sincréticos à frente do que agora se denomina "ecumenismo mais amplo", isto é, uma expansão ecumênica para o lado das religiões radicalmente diferentes que existem hoje em dia.

O movimento ecumênico começou anos atrás, pondo em dúvida o conceito milenar de heresia. Atualmente parece que o termo "paganismo" está sendo posto em dúvida. Acaso o perigo do sincretismo não está à espreita nas sombras de um diálogo que implica uma paridade unificadora entre as religiões? A pergunta que poderia ser debatida com proveito em discussões futuras é se, em tais circunstâncias, o diálogo e a comunidade mundial podem ou não correr o risco de transformar-se noutra salvador,

e o ecumenismo no sorvedouro sincrético de geral processo mesclador secularizado.

Missão e Evangelismo

O quinto importante setor que precisa ser examinado e debatido com maior amplitude, é a missão e o evangelismo. Alguns ecumenistas falam acerca de evangelizar as estruturas impessoais da sociedade. Os evangélicos conservadores temem que um grande toque de retirada da concentração na proclamação do evangelho a fim de cumprir seu mandato inacabado esteja ressoando na estratégia missionária. Está-se tornando comum qualificar os esforços evangelísticos perante o público como "imperialismo eclesiástico". É verdade que arrogante e sectária insensibilidade tem caracterizado algumas campanhas evangelísticas, mas existe um problema mais sério hoje em dia; o risco é que o mundo não ouça as boas-novas pelo fato de a igreja não proclamá-las ou estar ocupada com outras tarefas assoberbantes de todo tipo.

É Preciso Crescer Para Subsistir

O crescimento da igreja como alvo explícito de sua missão está um pouco fora de moda nos círculos do CMI. É-nos declarado que "acrescentar pessoas à igreja" não é realmente a questão importante. Se for encarado sob determinado aspecto, isto é verdade; mas em outro sentido vital, "acrescentar" é um *sine qua non* para a vida da igreja. A igreja que não está "acrescentando" se acha fadada a estiolar-se e a desaparecer como velhos soldados que "nunca perecem", mas vão desaparecendo gradualmente. Como regra geral, pode-se afirmar que as igrejas que não pertencem ao CMI são mais inclinadas ao crescimento missionário do que as igrejas filiadas ao CMI.

O missiologista católico Adriano Hastings escreveu recentemente o seguinte: "Os projetos de unidade são, com efeito, amiúde recebidos mais favoravelmente nas igrejas que estão declinando, do que nas que são vigorosamente missionárias".² A grave questão que surge com relação a isto é se as igrejas que são membros do CMI julgam estar mais de acordo com a sua índole buscarem o crescimento lateral do ecumenismo do que alcançarem o crescimento frontal do evangelismo.

Em 1911 cerca de 30% dos missionários protestantes procediam da América do

Norte. Em 1968 o número correspondente era mais ou menos de 70%. Quase três quartos deste último número provinham de igrejas ou sociedades que não são membros do CMI. Parece haver pouca dúvida de que o centro de gravidade da extensão missionária protestante se está deslocando dos componentes do CMI para igrejas de índole evangélica mais conservadora. Estão a unidade e a missão puxando em direções opostas? É duvidoso que o movimento ecumênico consiga subsistir por muito tempo sem urgência missionária para propagar ativamente a mensagem do evangelho por toda a parte.

Uma questão final que tem entrado em evidência é a responsabilidade sócio-política da igreja. Poucos negariam que os cristãos e a Igreja têm uma responsabilidade nesta esfera de ação. Os evangélicos conservadores receiam, porém, que o conceito de renção esteja sendo dilatado até o ponto de ruptura por sua aplicação às atuais estruturas político-econômicas da sociedade. Há indícios de que a Igreja está-se tornando meramente uma organização sociológica, exercendo uma influência para o bem mais ou menos semelhante à da Cruz Vermelha.

O CMI parece encarar as "novas estruturas" como parte essencial da salvação na época atual. Os ecumenistas, preocupados com programas de ação ética no mundo, parecem considerar a ênfase que os evangélicos dão ao novo nascimento como vestígio pietista de revivalismo dos tempos antigos. Há uma lacuna cada vez mais ampla entre o conceito tradicional de salvação como reconciliação pessoal com Deus em Cristo, e a salvação considerada em grande parte como libertação dos males opressivos da sociedade. Um proveitoso conceito conciliador apresentado na recente Conferência de Bancoc, do CMI, é que a *salvação do pecado* precisa envolver de algum modo a *salvação pela atividade* para satisfazer às clamorosas necessidades do mundo.

Indubitavelmente, a Igreja não só é chamada para fora do mundo, mas também enviada para ele. Contudo, quando se dá excessiva ênfase a este último movimento, existe o perigo de que a Igreja não somente se torne voltada para este mundo, mas efetivamente mundana. A pergunta que os evangélicos conservadores fazem ao CMI é se, ao procurar dirigir-se ao mundo, ele não tem introduzido o mundo secular no movi-

mento ecumênico, a tal ponto que o ecumenismo social tenha evoluído agora para ecumenismo secular.

O amor tem significação social e o evangelho tem um sentido político. Tendo dito isto, devemos insistir, porém, que *em primeiro lugar e acima de tudo* a Igreja é encarregada de preparar os homens para a cidade celestial, e não para a cidade secular. Compete à igreja colocar diante da sociedade alvos e pontos de referência. O primeiro ponto de referência certamente deve ser que o homem foi criado à imagem de Deus.

O ponto de referência central é a cruz, a qual, por meio de Cristo, possibilita a restauração no homem da imagem de seu Criador. O ponto de referência final é a *parousia* de Cristo, que assinalará a ruína de Babilônia e anunciará o estabelecimento do eterno reino de Deus na Terra renovada.

O homem precisa cooperar com o poder transformador do Espírito de Deus. Se o homem permanecer inalterado, o mundo também permanecerá inalterado e continuará a titubear entre Hiroshima e o Armagedom.

O problema central nos debates entre o CMI e os evangélicos conservadores não é tanto o que se relaciona com a ecumenicidade ou mesmo com a qualidade de membro do CMI. "A Igreja é ecumênica quando se ocupa em fazer o que foi chamada a fazer. ... A genuína ecumenicidade deve, portanto, ser encarada primordialmente, não como uma questão de filiação ecumênica, e, sim, como uma questão de procedimento ecumênico".³

A verdadeira questão é a seguinte: Qual é a natureza, a tarefa e a função da Igreja neste período culminante da história humana? O dever da Igreja ainda é *ser* a Igreja. Sua tarefa é preparar homens e mulheres para o encontro com o seu Senhor que presto virá. O único ecumenismo bem fundado é o que tem um ponto de partida distintamente adventista — o Primeiro Advento — e um ponto adventista de chegada — o Segundo Advento. Qualquer outro ecumenismo é efêmero.

1. A. Richardson e W. Schweitzer, *Biblical Authority for Today*.
2. *One in Christ*, N.º 1, "Missão e Unidade de Edimburgo a Upsália", 1972, p. 23.
3. *The Acts of Reformed Ecumenical Synod*, 1968. Suplemento N.º 8, p. 277.

Resposta Divina às Necessidades de Nosso Ministério

RICARDO CABERO

Pastor evangelista da Missão Equatoriana

Creio que temos tido as melhores impressões da mensagem do Concílio Anual de 1974. Pudemos perceber a preocupação de que a igreja permanece morna, e que o "caráter de Cristo não está perfeitamente reproduzido em Seu povo". Preocupou-se também com o fato de que a vinda de Cristo tem tido a sua demora, e que a tarefa fundamental a ser realizada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, consiste em dar às primeiras coisas o primeiro lugar, de tal forma que se possa apressar o retorno de nosso Senhor.

Meu anelo é que este retiro sirva para nos ajudar a dar às primeiras coisas o primeiro lugar.

O Senhor quer que ao voltarmos para as nossas igrejas nossos irmãos reconheçam, como os homens do Novo Testamento, que estivemos com Jesus.

Em nossos dias o ganhador de almas, embora orientado pelo Espírito Santo, tem sido, não raras vezes, suplantado pelo orador presunçoso. Num seminário foram postas à venda algumas pinturas de destacados artistas. A mais impressionante entre elas foi a que representava um púlpito adornado, com um pregador bem vestido discursando eloqüentemente. O título da pintura era: "O Púlpito Moderno". Lamentavelmente, em muitos lugares hoje não se percebe a influência do Espírito Santo, senão apenas o grito agudo do púlpito secularizado, onde, com freqüência, há disputa pessoal. Não se prega mais com grande poder senão com grande debilidade. As pessoas não olham para nós como naqueles memoráveis dias dos apóstolos mas, sim, com grande indiferença.

Por isso estou persuadido de que há uma só solução para o problema, tanto do ponto de vista individual como denominacional. A solução seria o derramamento da chuva se-

rôdia. Notemos o que nos é dito por intermédio do Espírito de Profecia: "A igreja por muito tempo se tem contentado com um pouco das bênçãos de Deus. Não tem sentido a necessidade de alcançar os exaltados privilégios para eles comprados a um custo infinito. Sua força espiritual tem sido fraca, sua experiência de caráter definhado e defeituoso, e estão desqualificados para a obra que o Senhor gostaria que fizessem. Não estão habilitados a apresentar as grandes e gloriosas verdades da santa Palavra de Deus que convenceriam e converteriam almas por intermédio do Espírito Santo. O poder de Deus espera seu pedido e recepção. Uma colheita de alegrias será feita pelos que semeiam a santa semente da verdade". (*Testemunhos para Ministros*, p. 175).

Nosso Exemplo e Modelo

Este princípio vital, tão necessário em nosso ministério e em nossa igreja, torna-se evidente quando estudamos a vida de Jesus, "Autor e consumidor de nossa fé". A relação entre o Espírito Santo e o Homem perfeito é iluminadora. Suas ações e Seus processos mentais eram motivados pelo Espírito Santo. Seu nascimento e crescimento, bem como Suas tentações, Seu ministério, Seus milagres, Sua morte e ressurreição e ainda a organização da igreja cristã primitiva, tudo, enfim, foi operação do Espírito Santo. (S. Lucas 1:35; 4:1, 2, 14; Atos 10:38; S. Mateus 12:28; Hebreus 9:14; I S. Pedro 3:18; Atos 1:1, 2). A unção completa e a posse do Espírito Santo fizeram de nosso Senhor o que Ele chegou a ser como homem.

Durante Sua meninice e Sua juventude, Cristo esteve constantemente sob a influência modeladora do Espírito de Deus. Sim,

não há dúvida, na ocasião em que Ele foi batizado, passou para uma nova fase de Sua experiência, caracterizada por uma relação mais íntima com o Espírito do Senhor. Este foi o Seu pentecostes pessoal. Foi dotado e ungido sem restrições algumas. (S. João 3:34). Sempre esteve consciente de que o Espírito Santo Lhe dera a unção para pregar (S. Lucas 4:17-19). Seus milagres e Suas palavras procediam dessa inspiração. Por obra do Espírito Santo Ele Se ofereceu a Si mesmo na cruz e depois de Sua ressurreição "foi declarado Filho de Deus, com poder". (Romanos 1:4). Na verdade Jesus possuía o Espírito Santo em Sua plenitude. É admirável o fato de que o mesmo Espírito que esteve em Cristo anela estar em nós.

Resultado da Ação do Espírito

Podemos distinguir três resultados de realce produzidos pela plenitude do Espírito Santo:

1. *O Espírito produz uma nova e vívida consciência da presença de Jesus.*

No Antigo Testamento Jesus era uma figura vaga e imprecisa e a luz de Sua presença quase não era notada. No Novo Testamento, entretanto, Jesus era tudo. Hoje também deve ser tudo. Ele quer fazer morada em nós e o faz mediante o Espírito Santo.

"A comunicação do Espírito Santo era a comunicação da própria vida de Cristo" (*Review and Herald*, 13 de junho de 1899).

"A obra do Espírito Santo é incomensuravelmente grande. Desta fonte o obreiro recebe o poder e a capacidade. O Espírito Santo é o Consolador, como se fosse para a alma a presença pessoal de Cristo. Os que contemplam a Cristo com uma fé sincera e infantil, são os que participam da natureza divina mediante a agência do Espírito Santo. (*Id.*, 29 de novembro de 1892).

Necessitamos de Cristo. Necessitamos de Seu Espírito a fim de que tome posse de cada um de nós e nos dirija. Esperamos que Ele revele em nós a Sua vida e o Seu poder, transformando-nos em verdadeiros cristãos.

2. *O Espírito torna as pessoas semelhantes a Jesus.*

Quando possuímos a experiência de ter

o Espírito serão revelados muitos pecados que nos assombrarão.

Os discípulos puderam ter a presença externa de Jesus mas não se mostraram semelhantes a Ele. Jesus era humilde e eles, orgulhosos. Era abnegado, eles, egoístas. Mas quando o Espírito se apoderou deles, tornaram-se semelhantes a Jesus.

No terceiro volume de Testemunhos Seletos, páginas 209-215, a irmã White pergunta: "Qual foi o resultado do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes?" Logo a seguir ela enumera as coisas maravilhosas que o Espírito fez pela igreja primitiva cristã. Diz o seguinte: "Um só interesse prevalecia. Um só objeto de emulação absorvia todos os demais. A única ambição dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo e trabalhar pelo engrandecimento de Seu reino".

3. *O Espírito traz o poder de Jesus.*

Desejamos poder e quase nada possuímos dele! Esse poder pertence a Deus, mas ele nos é dado em Cristo, por meio do Espírito Santo.

A resposta não só ao chamado dos delegados ao Concílio Anual de 1974, mas também às necessidades do nosso ministério, está na abundante provisão do Espírito. Nossas igrejas enlanguescem com um ministério lânguido. Nosso povo não reflete a imagem de Jesus porque nós não temos refletido ainda essa imagem em nosso ministério. Evidentemente não precisamos de um conjunto de novas pessoas, mas dos mesmos homens e mulheres transformados pelo poder de Cristo através de seu Espírito. Daí a razão por que pensamos haver chegado a hora de deixar certas atitudes pouco recomendáveis e, como ministros do evangelho, dedicar-nos a orar como ministros, a pregar como ministros, e a fazer tudo que se relaciona com a religião como se nada houvesse de casual em nossa vida. Também creio que é tempo de romper com a monotonia e deixar a velha tendência de buscar no arquivo os sermões amarelecidos e muito usados. Devemos, antes, buscar de Deus luz e poder que nos capacitem para preparar mensagens apropriadas às necessidades de nossos ouvintes. Tudo isso ocorrerá se nossa vida e mensagem destilam o poder do Espírito Santo.

Condições para Receber esta Provisão

"Cristo prometeu o dom do Espírito Santo a Sua igreja, e a promessa nos pertence também a nós da mesma maneira que aos primeiros discípulos. Mas, como todas as outras promessas, é dada sob condições". (*O Desejo de Todas as Nações*, p. 502).

Vejamos:

1. Sentir "fome" e "sede" do Espírito Santo.

Devemos compreender que a provisão do Espírito é para a última geração, tanto quanto o foi para os dias apostólicos. Precisamos sentir que devemos possuir o Espírito a qualquer preço. Devemos compreender que cada faculdade de nosso ser e cada momento de nossa vida têm que pertencer ao Senhor a fim de que Ele cumpra o que prometeu por meio do profeta Isaías: "Porque derramarei água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre os teus descendentes; e brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes das águas". (Isaías 44:3, 4).

Ao ter "fome" e "sede" do Espírito Santo, que devo fazer com este poder? Nunca se concederá o Espírito Santo para nos tornarmos famosos em nossas atividades religiosas. Se o objetivo se prende a alguma vaidade ou à glorificação própria, torna-se impossível o cumprimento da promessa. Aquele que deseja receber o Espírito para tornar-se famoso, não poderá recebê-Lo em maior porção do que Simão o mago O recebeu, porque o seu desejo era comprá-Lo.

Não há dúvida de que este anelo do Espírito em nossa vida nos levará a orar como nos memoráveis dias de Pentecostes. Os discípulos estavam ajoelhados em oração quando receberam o poder do Espírito Santo. Ajoelhem-nos também em oração diante de Deus e não tenhamos pressa em erguer-nos até que recebamos Sua bênção.

2. Dar lugar ao Espírito Santo

É necessário que nos esvaziemos a fim de receber o Espírito. Temos que deixar o eu e abandonar o pecado. Duas coisas distintas não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo lugar. O eu e o Espírito não podem ocupar o trono do coração simultaneamente. Em cada coração há uma cruz e um trono. Se Jesus estiver no trono o ego estará na cruz. "Ao esvaziarmos o coração devemos acei-

tar a justiça de Cristo. . . . Se abriremos a porta do coração, Jesus encherá o vazio com o dom de Seu Espírito (*Review and Herald*, 23 de fevereiro de 1892).

Lembremo-nos também de que não seremos cheios do Espírito a menos que estejamos em harmonia com Deus e com os homens. O espírito de rivalidade, de ódio, de descontentamento, impede o cumprimento da promessa. A desconfiança, o ciúme, a crítica e a disseminação de coisas desagradáveis com relação a certas pessoas, são impedimentos. Ao unirmos o nosso coração ao de Cristo, colocando-nos em harmonia com a Sua obra, virá sobre nós o Espírito que caiu sobre os discípulos no dia de Pentecostes". (*Testemunhos Seletos*, Vol. 3, p. 250).

3. Exercer fé e manifestar um espírito de obediência.

Precisamos apropriar-nos da promessa, pela fé, e decidir fazer a nossa parte para ser usados pelo Espírito. Devemos reconhecer que Deus também faz Sua parte derramando Suas bênçãos. A promessa repousa sobre uma obediência sincera (Atos 5:32). Quando em resposta ao chamado de Cristo abandonarmos todas as coisas sórdidas, considerando-as perdidas para que se possa receber o Espírito, a partir deste momento de submissão, Deus nos concederá o Seu Espírito. Daí a importância de fazer com que esta promessa seja nossa. "Manhã após manhã, ao se ajoelharem os arautos do evangelho perante o Senhor, renovando-Lhe seus votos de consagração, Ele lhes concederá a presença de Seu Espírito, com Seu poder vivificante e santificador. Ao saírem para seus deveres diários, têm eles a certeza de que a invisível atuação do Espírito Santo os habilita a serem 'cooperadores de Deus'". (*Atos dos Apóstolos*, p. 56).

Queira Deus que nossa experiência seja igual à dos cinco pregadores prudentes da seguinte parábola:

Parábola dos Dez Pregadores

O reino dos Céus é semelhante a dez pregadores que tendo recebido seus diplomas de Teologia saíram para servir ao Senhor e Sua Igreja.

Cinco deles eram prudentes e cinco presunçosos. Os cinco que eram imprudentes passavam seu tempo dedicando-se ao tra-

balho de visitar as pessoas, dirigir comissões, conferências públicas e reuniões de toda espécie, enquanto negligenciavam o estudo da Palavra de Deus e a prática da oração e meditação, faltando-lhes, portanto, o azeite em suas lâmpadas.

Os cinco prudentes faziam visitas pastorais, assistiam às reuniões de comissão, dirigiam conferências dentro do limite de seu tempo, sabiam dizer não às coisas desnecessárias e não negligenciavam o estudo da Palavra de Deus, bem como a oração e a meditação.

Afinal os anos se foram. E, com o tempo, a igreja começou a sentir a necessidade de um grande reavivamento ouvindo-se o clamor: "Organizemos uma cruzada para Cristo! Avancemos por Cristo e Sua igreja! É hora de fazer a colheita!"

Todos os pastores foram chamados a participar desse programa de reavivamento, dando cada um o melhor serviço possível. Levantaram-se e se uniram para contribuir com o melhor de seus esforços.

A esta altura os imprudentes começaram a sentir-se abalados porque não sabiam qual a sua real posição. Faltava-lhes o poder. Foram então consultar os que não eram imprudentes:

— Repartam conosco o poder que vocês possuem — disseram eles. E acrescentaram:

— Vocês têm poder em sua obra e nossas lâmpadas se apagam.

Os prudentes responderam:

— Isso não se pode fazer. Temos poder suficiente apenas para as nossas necessidades. Não podemos reparti-lo. É necessário que este poder seja adquirido. Só nos resta aproximarmo-nos da fonte de poder e sua provisão se mostra inesgotável. Tomem tempo em buscar uma vida santa. Procurem permanecer com Deus, confiando em Sua Palavra.

Quando o Espírito Santo vier todos serão testemunhas fiéis de Cristo.

ARTIGOS GERAIS

Aproxima-se a **SEMANA SANTA**

Entre os dias 12 e 19 de abril, o mundo cristão celebrará a semana santa.

Alguns o farão com festas, outros com procissões e outros descansando.

Nós, entretanto, o faremos trabalhando.

Em 1976 não nos preocupa tanto a quantidade de centros de pregação que podemos organizar, mas, sim, os lugares em que faremos o trabalho.

Lugares novos, áreas ainda não penetradas, zonas obscuras são termos que ouvimos entre nós.

Preguem durante a semana santa mas principalmente em lugares onde a mensagem ainda não foi anunciada. Este trabalho deve continuar e ir além do dia 19 de abril. Esta é a campanha do outono.

Recomendamos o seguinte:

ESCOLHA UMA ZONA OBSCURA

PREGUE COM PODER

CONTINUE A CAMPANHA ATÉ QUE PRODUZA FRUTOS

AGRADEÇA A DEUS POR LHE HAVER

DADO TÃO GRANDE PRIVILÉGIO E PELOS FRUTOS OBTIDOS.

O HOMEM A IMAGEM DE DEUS

MÁXIMO VICUNA ARRIETA
Orientador do Programa de Teologia do Seminário
Adventista União, Lima, Peru

Texto principal: Gênesis 1:26, 27:

“Disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou...”

Textos análogos: Gênesis 5:3; 9:6.

1. *Exposição do tema.* O tema do homem feito à imagem de Deus não aparece além do livro de Gênesis (Gên. 1:26, 27; 5:3; 9:6). Mas em que consiste a imagem ou semelhança? Consiste num corpo parecido com o corpo de Deus? Não seria porventura no que se refere à inteligência, à palavra e à liberdade? Ou consiste naquilo que os helenistas do século II A.C. afirmaram, dizendo que o homem é a imagem de Deus pelo fato de possuir alma imortal?

2. *Exegese textual de Gênesis 1:26, 27.* Para o termo do relato da criação Moisés dá mais ênfase a suas palavras. Anteriormente Deus havia criado todos os seres do Universo com uma simples ordem: *faça-se*; e, na criação do homem, emprega a forma *façamos*, (*nagaseh*) que é um plural deliberativo, implicando uma unidade numa pluralidade.

Esta atitude divina diante de uma obra a ser realizada, expressa a dignidade e a superioridade do homem em relação a todos os seres criados antes dele. Diz o texto: “Façamos o homem”, (*Adão*); aqui a palavra *Adão* aparece sem o artigo. Em sentido genérico refere-se à humanidade.

Segue o texto: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. (v. 26). Sempre que a Septuaginta e a Vulgata o separam com um *Kai* e *et*, respectivamente, significa que cada um tem seu valor especial. Além disso, originalmente, parece que no texto hebreu existiu o *Waw* copulativo, e que desapareceu pela influência do *Waw* com que termina o vocábulo anterior (*besalmenu*). Ou seja, que tanto o substantivo *imagem* como o termo *semelhança*, originalmente estão separados por

uma conjunção copulativa, significando com isto que cada substantivo tem um valor particular.

a) *Alcance do termo imagem (Selem)*
A palavra *imagem* é a tradução do hebraico *Selem*. Este termo pode significar uma sombra (Sal. 29:6); ou uma estátua (Dan. 3:5, 7, 10, 12, 18); ou uma escultura que represente um ídolo (II Reis 11:18; Amós 5:26) e, em geral pode significar qualquer figura ou representação. Em nossa passagem é dito que o homem foi criado “à imagem de Deus”. Em Gênesis 5:3 pode-se ler que “Adão gerou um filho à sua semelhança (*Bidemotó*), conforme sua imagem (*kesalmo*).

b) *Alcance do termo semelhança (Demut)*

Nosso texto acrescenta: “Conforme a nossa semelhança” (*kidemutenu*). A palavra *Demut*, *semelhança*, pode ser traduzida por parecido, figura, desenho, aspecto, aparência, (II Reis 16:10; Ezequiel 23:15; II Crôn. 4:3).

A palavra *Demut* está precedida da partícula *Ke* que sempre expressa uma relação de semelhança pela qual pretende-se dizer que o homem é parecido e semelhante a Deus. Mas, tenha-se em mente o fato de o texto querer dizer que o homem não é em si a imagem de Deus, senão um ser conforme ou segundo a imagem de Deus.

3. *A pergunta fundamental.* Agora vem a pergunta principal desta exposição: Em que se manifesta no homem esta imagem divina?

a) *Imagem de Deus quanto ao corpo?*
Alguns eruditos rejeitam a opinião dos que sustentam que o homem é a imagem de Deus quanto ao corpo, porque segundo estes estudiosos, Moisés resistiria, conscienciosamente, a todos os antropomorfismos que podem fazer lembrar a presença de Deus como se fosse uma figura corpórea, desprezível. Além disso, acrescentam esses escritores, o texto diz ter Deus criado, “macho

e fêmea". (v. 27). Com este texto poder-se-ia afirmar que a mulher também é imagem de Deus. Pois bem, não se admite em Deus, reafirmam tais escritores, a existência de dois sexos, nem se mencionam na teologia hebraica monoteísta as divindades femininas. Logo, concluem estes eruditos, a opinião dos que sustentam que o homem é a imagem de Deus cairia por terra. Nem todos os eruditos aceitam esta opinião.

O erudito alemão Gerhard Von Rad pergunta a si mesmo e a si mesmo responde: "Se a imagem é interpretada somente do ponto de vista físico, que diríamos do espiritual? Em Gênesis o homem é apresentado como um todo. Não se deve, portanto, separar a parte física da idéia de semelhança, apesar de a imagem de Deus estar espiritualizada. A semelhança é de tal modo que representa a Deus na criação mediante a superioridade e a soberania físico-espiritual com que Deus distinguiu o homem. (*Enciclopédia da Bíblia*, Vol. 4, página 110). Como pode ser visto, esta opinião de Von Rad penetra fundo no pensamento hebreu acerca do homem. No Antigo Testamento não podemos notar, falando do homem, incompatibilidade entre a alma e o corpo (teoria dicotômica), ao estilo da filosofia grega; tampouco havemos de notar a idéia tricotomista (alma, corpo e espírito). O homem, segundo o Antigo Testamento, forma uma unidade psicofísica indissolúvel. O israelita é *monista*.

As funções psíquicas estão ligadas a tal ponto à natureza física, que todas se encontram localizadas nos órgãos do corpo. Estes órgãos, por sua vez, recebem vida das forças que os animam. Não há uma justaposição de órgãos diferentes, senão um organismo animado por uma vida única em que cada um dos órgãos pode ser a expressão de todos os outros em conjunto. Pois bem, a opinião de Von Rad é genial, porque já que o Antigo Testamento concebe o homem como um todo, podemos considerá-lo imagem e semelhança de Deus, não só do ponto de vista psíquico e espiritual, mas também em relação à parte física, sem,

entretanto, querer afirmar que Deus é uma figura corpórea, caindo, desta forma, no antropomorfismo. "O homem — declara Von Rad — representa a Deus na criação mediante a superioridade e soberania físico-espiritual com que ele foi distinguido".

b) *Teoria de E. Jacó*. E: Jacó, teólogo protestante francês que tem criado uma teologia do Antigo Testamento, breve e muito boa, em lugar de pensar numa analogia física, afirma que o homem recebeu de Deus uma função real, uma comissão para dominar sobre toda criatura vivente. Estes dizeres estão apoiados em Gênesis 1:26: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra". Isto se repete no Salmo 8 que vem a ser o melhor comentário de Gênesis 1:26 e 27, (ver Salmo 8:2-8). Segundo E. Jacó, a semelhança com Deus reside nesse poder de exercer o domínio sobre as criaturas inferiores. Mas logo a seguir Jacó acrescenta: "Tal interpretação poderia fazer pensar que o Antigo Testamento nos apresenta um ideal humano com respeito a um super-homem. Mas não há nada disto porque a imagem de Deus está implicada no relacionamento e na dependência do homem, que não é outra coisa senão o representante da divindade. Queer ser como Deus — tentação apresentada pela serpente — é desejar sair do papel de imagem. O Antigo Testamento mostra em várias ocasiões, que procedendo deste modo o homem em vez de elevar-se, degrada-se ao nível dos animais. (E. Jacó, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 164).

c) *Interpretação helenística*. O autor do livro apócrifo, de "Sabedoria", judeu que viveu num ambiente helenístico, provavelmente em Alexandria, lá por volta do segundo século A.C., afirma: "Deus criou o homem para a imortalidade e o fez à Sua própria imagem". (Sabedoria 2:23). Este conceito, influenciado pelas idéias platôni-

cas que distinguem a alma do corpo (dicotomia), é totalmente alheio aos conceitos doutrinários do Antigo Testamento sobre o homem que é, eminentemente, *monista*. Sem dúvida este conceito que ensina ser o homem a imagem de Deus, em virtude de possuir uma alma imortal, exerceu influência não só nas comunidades judaicas como também, principalmente, em muitos escritores da igreja primitiva, sendo como eram quase todos eles, de origem grega.

d) *Interpretação de Ellen G. White*. Aqui estão as interpretações da pena que foi dirigida pelo Espírito de Profecia:

“O homem deveria ter a imagem de Deus, *tanto na aparência externa como no caráter*. Cristo somente é a expressa imagem do Pai (Hebreus 1:3); mas o homem foi formado à semelhança de Deus. Sua natureza estava em harmonia com a vontade de Deus. A mente era capaz de compreender as coisas divinas. As afeições eram puras; os apetites e paixões estavam sob o domínio da razão. Ele era santo e feliz, tendo a imagem de Deus e estando em perfeita obediência a Sua vontade”. (*Patriarcas e Profetas*, p. 28).

“No princípio o homem foi criado à semelhança de Deus, *não somente no caráter, mas na forma e aspecto*. O pecado desfigurou e quase obliterou a imagem divina; mas Cristo veio para restaurar aquilo que se havia perdido”. (*O Grande Conflito*, p. 642).

“Quando Deus fez o homem à Sua imagem, a forma humana estava perfeita em todo o seu aparelhamento, mas jazia inanimada. Então um Deus pessoal, de existência própria, inspirou naquela forma o fôlego da vida, e o homem tornou-se um ser vivo, inteligente”. (*A Ciência do Bom Viver*, p. 415).

“O Senhor criou o homem do pó da terra e o fez compreender a natureza de sua vida. Sendo-lhe inspirado o sopro do Todopoderoso tornou-se ele alma vivente. Adão foi perfeito em sua forma. Forte, gracioso

e puro, trazia consigo a imagem de seu Criador”. (*Manuscrito 102 de 1903*).

Conclusões

1. O tema do homem como imagem de Deus não deixa de ser um problema.

2. A exegese textual de Gênesis 1:26 deixa claro:

a) Que quando Deus criou o homem empregou a forma enfática *façamos*, expressando com isto a dignidade e a superioridade do homem sobre todos os seres criados.

b) Que os termos imagem (Selem) e semelhança (Demut), estão claramente separados por uma conjunção copulativa, significando com isto que cada termo tem um valor especial.

c) Que o homem não é em si imagem de Deus, senão um ser conforme ou segundo esta imagem, tal como afirma a segunda parte do texto: “Conforme a nossa semelhança”, *ou seja uma imagem mais ou menos à semelhança de Deus*.

3. Que embora haja eruditos que não aceitam a opinião de que o homem é a imagem de Deus, em seu corpo, visto Moisés não aceitar o antropomorfismo ao tratar da divindade, nem todos os estudiosos se obrigam a pensar da mesma forma. Von Rad, por exemplo, afirma que não se deve excluir o físico da idéia de semelhança”, uma vez que não se desvirtue o caráter espiritual de Deus.

4. A teoria de E. Jacó ajusta-se à segunda parte do texto (Gênesis 1: 26), afirmando que o homem é a imagem e semelhança de Deus por sua função de domínio que lhe foi dado exercer sobre toda criatura.

5. A interpretação helenística que considera o homem como imagem e semelhança de Deus em virtude de possuir uma alma imortal, desvirtua completamente os conceitos fundamentais da psicologia bíblica que concebe o homem como uma unidade

biopsico-espiritual indissolúvel. Tal conceito dicotômico grego (alma-corpo) está, pois, em oposição com o conceito hebreu que é *mônico*.

6. Os conceitos da Sra. Ellen G. White, tais como "o homem devia levar a imagem de Deus, tanto no exterior como em seu caráter", ou "o homem foi criado à semelhança de Deus não só no caráter mas também no que se refere à forma e à fisiologia", se ajustam, maravilhosamente, ao conceito bíblico hebreu sobre o homem como um todo. Não se deve, portanto, excluir a parte física na interpretação desta passagem.

7. *Permanecem algumas interrogações:*

Como pôde a Sra. White aprofundar-se tanto em suas interpretações sobre a natureza do homem, sendo ela uma pessoa de modesta formação escolar? Como pôde abster-se de interpretações dicotômicas (alma-corpo) com relação ao homem, estando rodeada de grupos religiosos presos à teoria de Platão, que ensinavam a grande mentira do Éden: "Não morrereis"? Ainda mais: Por que suas interpretações da Bíblia e da vida são, de modo admirável, claras e verdadeiras? Cabe apenas uma resposta. "Que tanto em relação a este te-

ma sobre o homem como em relação ao estudo de qualquer outro aspecto divino ou humano, o Espírito Santo foi quem dirigiu a pena de Ellen G. White, guiando, desta maneira, a sua Igreja à compreensão de toda verdade revelada. E não nos resta outra coisa senão estudar essas mensagens e viver à altura dessas verdades.

Bibliografia

1. Arnaldich, Luís, *El Origen del Mundo y del Hombre según la Biblia*, Ediciones Rialp, S.A. Madrid, 1958.
2. Bauer, Johannes, *Diccionario de Teologia Bíblica*, Editorial Herder Barcelona, 1967.
3. Berkhof, Luís, *Teologia Sistemática*, Publicaciones T.E.L.L., Grand Rapids, Michigan, 1969.
4. García Cordero, Maximiliano, *Teologia de la Biblia (A.T.)*, Editorial BAC-Madrid, 1970.
5. Gelin, Albert, *El Hombre Según la Biblia*, Editorial Marova-Madrid, 1962.
6. Imschoot, P. Van, *Teologia del Antiguo Testamento*, Ediciones Pax-Madrid, 1969.
7. Jacob, Edmond, *Teologia del Antiguo Testamento*, Editorial Marova-Madrid, 1969.
8. Pidoux, Georges, *El Hombre en el Antiguo Testamento*, Ediciones Carlos Lohlé, Buenos Aires, 1969.
9. Smith, Hoke, *El Hombre, Una Perspectiva Bíblica*, Editorial Certeza, Buenos Aires, 1972.
10. Vários, *Enciclopedia de la Biblia*, Tomo IV, Ediciones Garriga, S.A., Barcelona, 1963.
11. Von Rad, Gerhard, *Teologia del Antiguo Testamento*, Ediciones Sigueme Salamanca, 1972.
12. White, Ellen, *Patriarcas e Profetas*, Casa Publicadora Brasileira.
13. White, Ellen, *O Grande Conflito*, Casa Publicadora Brasileira.
14. White, Ellen, *A Ciência do Bom Viver*, Casa Publicadora Brasileira.

MILAGRES DA FÉ - AUDIOVISUALIZADOS

**8 GRANDES MILAGRES DE CRISTO
ILUSTRADOS COM NOVOS SLIDES
E 2 FITAS CASSETES EM MODERNA SONOPLASTIA
INÉDITO! VIBRANTE! MARAVILHOSO!
MAIS UMA PROMOÇÃO DO C.E.I.**

CRISTO VEM, COMUNIQUEMOS!

Faça já o seu pedido no escritório de seu campo



CENTRO EDUCACIONAL ILUSTRADO
Caixa Postal, 30852 - São Paulo — SP



A Casa Que Canta

MAY MORGAN POTTER

Atei o guardanapo em volta do pescoço de Alfredo e coloquei diante dele o seu copo de suco de laranja, o preparado de cereais e um grande copo de leite espumante. Em minha própria opinião, eu me classificava entre as mães superiores, cujos filhos são educados segundo o método aprovado de uma época esclarecida. Alfredo comeu obedientemente tudo isso e desceu então de sua cadeira.

— Mamãe, posso ir agora para a casa do Jaime? — perguntou ele.

— Mas, Alfredo — protestei — você esteve lá ontem e anteontem. Por que não convida o Jaime a vir até aqui, hoje?

— Oh! ele não aceitaria.

O lábio de Alfredo tremeu, a despeito de que ele tinha apenas seis anos de idade.

— Por favor, mamãe!

— Por que você gosta mais da casa do Jaime do que da nossa casa? — prossegui.

Veio-me subitamente à lembrança que Alfredo e todos os seus companheiros estavam sempre querendo ir à casa do Jaime.

— Ora — disse ele hesitantemente — é porque . . ., é porque a casa do Jaime é uma casa que canta.

— Uma casa que canta? — indaguei. — Que você quer dizer com isso?

— Bem — Alfredo tentou explicar com certa dificuldade — a mãe do Jaime cantarola enquanto costura; a Anita canta enquanto corta bolinhos com a forma, na cozinha; e o pai de Jaime sempre assobia ao vir para casa.

Alfredo parou por um momento, e acrescentou:

— Suas cortinas estão sempre bem erguidas, e há flores nas janelas. Todos os meninos gostam da casa do Jaime, mamãe!

— Você pode ir, meu filho — disse eu



prontamente, pois queria que me deixasse em paz para pensar.

Olhei para todos os lados de minha casa. Todos me diziam quão linda ela era. Havia tapetes orientais, que estávamos pagando a prestações. É por isso que não havia aqui nenhuma "Anita na cozinha". Também estávamos pagando a prestações a mobília superestofada e o automóvel. Talvez fosse por este motivo que o pai de Alfredo não assobiava ao vir para casa.

Pus o chapéu e fui para a casa do Jaime, embora fossem apenas dez horas da manhã. A Sra. Burton não se importaria em ser interrompida a essa hora. Ela jamais parecia estar afobada. Recebeu-me à porta de sua casa com uma toalha ao redor da cabeça.

— Oh! entre. Acabei de limpar a sala de estar. Não, não está me interrompendo, absolutamente! Só vou tirar esta cobertura para a cabeça, e estarei às suas ordens.

Enquanto eu esperava, olhei em todas as direções. Os tapetes quase estavam puídos; as cortinas, em ponto suíço, estavam amarradas e amarrotadas; as poltronas eram velhas e riscadas, mas tinham sido recobertas com cretone. Uma mesa de cobertura lustrosa continha diversas revistas recentes. Na janela pendiam cestos de hera e trapoeraba, enquanto um pássaro assobiava em sua gaiola exposta ao sol. Um aspecto caseiro — tal era o efeito.

A porta da cozinha estava aberta, e vi Haroldo, o bebê, sentado no limpo linóleo, observando Anita apertar e juntar os rebordos de uma torta. Ela estava entoando uma canção de primavera.

A Sra. Burton veio sorrindo, e perguntou:

Que há? Pois eu sei que você é uma pessoa muito ocupada e deve ter vindo por um motivo especial.

— Sim — respondi abruptamente. — Vim ver como é uma casa que canta. Alfredo disse que gosta de vir aqui porque vocês têm uma casa nessas condições. Estou co-

meçando a ver o que ele queria dizer com isso.

— Que agradável cumprimento! — declarou a Sra. Burton, enrubescendo-se. — Como você sabe, João não ganha muito, e temos de reduzir as despesas. Resolvemos, portanto, eliminar o que não é essencial. Não sou muito forte, e quando chegou o bebê, decidimos que a presença de Anita era indispensável para que eu pudesse ser para as crianças uma mãe bem disposta. Também há livros, revistas e música. São estas as coisas que as crianças podem guardar no íntimo da alma. Não podem atingidas por incêndios ou reveses, e chegamos portanto à conclusão de que eram essenciais. Naturalmente, bons alimentos saudáveis constituem outro ponto essencial. Não compramos as coisas fora de tempo, e por isso nossas contas são pequenas. As roupas das crianças são muito simples — eu mesma as confeciono. Quando, porém, todas essas coisas são pagas, não parece sobrar muito dinheiro para os móveis. Julgamos obter quase tanto prazer de nossos longos passeios pelo campo como o que poderíamos obter com a aquisição de um carro, especialmente se tivéssemos de preocupar-nos com o seu financiamento. Não contraímos dívidas, se podemos evitá-las. Além disso, somos felizes — disse ela em conclusão.

— Sim, eu sei — declarei pensativamente.

Olhei então para o canto em que se achavam Jaime e Alfredo. Eles tinham feito um trem de caixas de fósforos e colocavam nele agora grãos de trigo.

Fui para casa. Meus tapetes orientais tinham um aspecto desbotado. Abri completamente as pesadas cortinas mais internas, mas a luz perdia parte de sua clareza ao atravessar as cortinas de seda. O sofá superestofado parecia ser demasiado volumoso e não tão convidativo como a velha cama de descanso da Sra. Burton, com travesseiros que não teríamos receio de usar. Detestei minha casa. Ela não cantava. Eu estava resolvida a fazê-la cantar.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



I. Oferece os Benefícios do Completo Sacrifício Expiatório

São estes os nossos temas: Cristo crucificado pelos nossos pecados, Cristo ressuscitado dentre os mortos, Cristo nosso intercessor perante Deus; e intimamente relacionada com estes assuntos acha-se a obra do Espírito Santo. — *Evangelismo*, pp. 186 e 187.

O grande Sacrifício havia sido oferecido e aceito, e o Espírito Santo, que desceu no dia do Pentecostes, levou a mente dos discípulos do santuário terrestre para o celestial, onde Jesus havia entrado com o Seu próprio sangue, a fim de derramar sobre os discípulos os benefícios de Sua expiação. — *Primeiros Escritos*, p. 260.

Nosso Salvador está no santuário, suplicando em nosso favor. É Ele nosso Sumo Sacerdote intercessor, fazendo por nós um sacrifício expiatório, alegando em nosso favor a eficácia de Seu sangue. — *Fundamentals of Christian Education*, p. 370.

Todo aquele que romper com a escravidão e serviço de Satanás, e se puser sob a cruenta bandeira do Príncipe Emanuel, será guardado pelas intercessões de Cristo. Cristo, como nosso Mediador, à destra do Pai, sempre tem a vista em nós, pois é tão necessário que Ele nos guarde por Suas intercessões, como que Ele nos redima com o Seu sangue. Se Ele, por um momento que seja, deixar de nos guardar, Satanás está pronto para destruir. *Os que foram comprados por Seu sangue, Ele agora guarda por Sua intercessão.* — Manuscrito 73, 1893.

Graças a Deus, *Aquele que por nós derramou Seu sangue, vive para apresentá-lo em juízo, vive para fazer intercessão por toda alma que O receba. ... Temos de conservar sempre presente a eficácia do sangue de Jesus.* Esse sangue que purifica a vida, esse sangue mantenedor da vida, aplicado por uma fé viva, é nossa esperança. Precisamos crescer no apreço de sua inestimável valor, pois ele fala em nossa defesa somente se, pela fé, reclamamos sua virtude, mantendo a consciência limpa e em paz com Deus.

Ele nos é apresentado como o sangue que perdoa, inseparavelmente relacionado com a ressurreição e a vida de nosso Redentor, e ilustrado

pela corrente sempre a fluir, que procede do trono de Deus — a água do rio da vida. — Carta 87, 1894.

Cristo morreu a fim de fazer um sacrifício expiatório por nossos pecados. À destra de Deus está Ele intercedendo por nós como nosso Sumo Sacerdote. Pelo sacrifício de Sua vida, para nós comprou Ele a redenção. Sua expiação é eficaz para todo aquele que se humilhar e receber a Cristo como exemplo em todas as coisas. Se o Salvador não tivesse dado Sua vida em propiciação pelos nossos pecados, toda a família humana teria perecido. Não teriam tido direito ao Céu. É por Sua intercessão que nós, mediante a fé, arrependimento e conversão, somos habilitados a tornar-nos participantes da natureza divina, escapando assim à corrupção que pela concupiscência há no mundo. — Manuscrito 29, 1906.

Esta oração [de S. João 17] é uma lição sobre a intercessão que o Salvador efetuará no interior do véu, quando estivesse consumado Seu grande sacrifício em favor dos homens — a oferta de Si mesmo. Nosso Mediador deu aos discípulos essa ilustração de Seu ministério no santuário celestial em favor de todos os que fossem a Ele em mansidão e humildade, vazios de todo o egoísmo, e crendo em Seu poder para salvar. — Manuscrito 29, 1906 (*SDA Bible Commentary*, Vol. 5, p: 1145).

II. O Ministério Aplica-se ao Ajuste da Cruz e o Completa

A intercessão de Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da salvação, como o foi Sua morte sobre a cruz. Por Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressurgir. Pela fé, devemos penetrar até ao interior do véu, "onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós". Hebreus 6:20. Ali se reflete a luz do Calvário. Ali podemos obter intuição mais clara dos mistérios da redenção. — *Conflito dos Séculos*, p. 489.

As palavras de Cristo, na encosta da colina, foram o anúncio de que Seu sacrifício em favor do homem fora pleno e completo. Havia cumprido as condições da expiação; a obra para fazer a

qual viera ao mundo, fora realizada. Conquistara o reino. Arrebatara-o de Satanás e tornara-Se herdeiro de todas as coisas. Estava em caminho para o trono de Deus, a fim de ser honrado por anjos, principados e potestades. *Iniciara Sua obra mediadora. Revestido de ilimitada autoridade, deu aos discípulos Sua comissão: "Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos".* — Manuscrito 138, 1897.

Graças a Deus por isso que *Aquele que por nós derramou Seu sangue vive para alegá-lo em nossa defesa, vive para fazer intercessão por toda alma que O recebe.* "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça". O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado. Ele fala melhor do que o sangue de Abel [Heb. 12:24], pois Cristo sempre vive para fazer intercessão por nós. *Temos de ter sempre presente a eficácia do sangue de Jesus.* — Carta 87, 1894.

Jesus está perante o Pai, oferecendo continuamente um sacrifício pelos pecados do mundo. É Ele o Ministro do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou e não o homem. As ofertas simbólicas do tabernáculo judaico não possuem mais virtude alguma. Já não é mais necessária uma expiação diária e anual. Mas por causa da contínua comissão de pecado, é necessário o sacrifício expiatório de um Mediador celestial. *Jesus, nosso grande sumo sacerdote, oficia por nós na presença de Deus, oferecendo em nosso favor Seu sangue derramado.* — *The Youth's Instructor*, 16-4-1903.

Por Sua vida imaculada, Sua obediência, Sua morte na cruz do Calvário, Cristo intercedeu pela raça perdida. E agora, *não como simples suplicante, intercede o Capitão de nossa salvação por nós, mas como Vencedor reivindicando Sua vitória.* Sua oferta é completa, e como nosso intercessor *Ele executa a obra que Ele mesmo se impôs, apresentando ante Deus o incensário contendo Seus próprios méritos imaculados, bem como as orações, confissões e ações de graça de Seus filhos.* Perfumadas pela fragrância de Sua justiça, ascendem elas a Deus como cheiro suave. A oferta é inteiramente aceitável, e o perdão cobre todas as transgressões. *Para o verdadeiro crente, Cristo é na verdade o ministro do santuário, oficiando em seu favor no santuário, e falando mediante os instrumentos designados por Deus.* — *The Signs of the Times*, 14-02-1900.

Nos tribunais do Céu, Cristo está a interceder por Sua igreja — advogando a causa daqueles cujo preço de redenção Ele pagou com o Seu próprio sangue. Séculos e eras nunca poderão diminuir a eficácia de Seu sacrifício expiatório. Nem a morte, nem a vida, altura ou profundidade, nada nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus; não porque a Ele nos

apeguemos com firmeza, mas porque Ele nos segura com Sua forte mão. — *Atos dos Apóstolos*, p. 553.

Jesus é o nosso grande Sumo Sacerdote no Céu. E que faz Ele? — *Faz intercessão e expiação por Seu povo que nEle crê.* — *Testemunhos para Ministros*, p. 37.

Aproximamo-nos de Deus mediante Jesus Cristo, o Mediador, e esta é a única maneira pela qual Ele perdoa pecados. Deus não pode perdoar pecados a expensas de Sua justiça, Sua santidade e Sua verdade. Mas Ele perdoa os pecados, e isso plenamente. Não existem pecados que Ele não perdoe, mediante o Senhor Jesus Cristo. *Esta é a única esperança do pecador, e se ele nisso confiar, com fé sincera, estará certo do perdão, e este será pleno e gratuito. Só existe um meio, e este é acessível a todos, e por esse meio um rico e abundante perdão aguarda a alma penitente e contrita, e os mais negros pecados são perdoados.*

Essas lições foram ensinadas ao escolhido povo de Deus, milhares de anos atrás, e repetidas em vários símbolos e figuras, para que fosse gravada em cada coração a causa da verdade, de que sem derramamento de sangue não há remissão de pecados. — Carta 12, 1892.

Cristo morreu por nós, e recebendo a Sua perfeição, temos o título ao Céu. A todos os que nEle crêem, dá Ele o poder de se tornarem filhos de Deus. Por isso que Ele vive, também nós viveremos. *Ele é nosso Advogado nos tribunais de cima. Esta é nossa única esperança.* — Manuscrito 29, 1906.

Empenhando Sua própria vida, *Cristo assumiu a responsabilidade por todo homem e mulher da Terra. Ele Se põe à presença de Deus, dizendo: Pai, tomo sobre Mim a culpa dessa alma.* Se ela for deixada a suportá-la, isso lhe significará morte. Se se arrepender, será perdoada. *Meu sangue a purificará de todo o pecado.* Dou Minha vida pelos pecados do mundo.

Se o transgressor da lei de Deus vir em Cristo seu sacrifício expiatório, se crer nAquele que pode purificar de toda a injustiça, Cristo não terá por ele morrido em vão. — *The Review and Herald*, 27-02-1900.

"Convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus [observem-se as palavras], para expiar os pecados do povo", mediante a expiação. *Deve o pecador arrependido crer em Cristo como seu Salvador pessoal. Esta é sua única esperança. Pode ele apoderar-se dos méritos do sangue de Cristo, apresentando a Deus o Salvador crucificado e ressurgido, como mérito seu.* Assim, mediante o haver-Se Cristo oferecido, o inocente pelo culpado, é removido todo o empecilho, e o amor e o perdão de Deus mana em ricas correntes de misericórdia para o homem caído. — Carta 91, 1895.

Ao reconhecermos perante Deus nosso apreço dos méritos de Cristo, acrescenta-se perfume às nossas intercessões. Oh, quem pode avaliar essa

grande misericórdia e amor! Ao nos aproximarmos de Deus mediante a virtude dos méritos de Cristo, vestimo-nos de Suas vestes sacerdotais, Ele nos coloca bem junto a Si, estreitando-nos com Seu braço humano, enquanto com Seu braço divino alcança o trono do Infinito. Põe Ele os Seus méritos, como incenso suave, num incensário nas mãos deles, a fim de reforçar suas petições. Ele promete ouvir e atender as suas súplicas. — Carta 22, 1898.

Hoje Ele [Cristo] está fazendo expiação por nós perante o Pai. "Se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo". Apontando para a palma de Suas mãos, dilaceradas pela fúria e preconceitos de homens ímpios, diz Ele de nós: "Nas palmas das Minhas mãos te tenho gravado". [Isa. 49:16.] O Pai inclina-Se, em reconhecimento do preço pago em favor da humanidade, e os anjos aproximam-se da cruz do Calvário com reverência. *Que sacrificio, este! Quem o pode medir?! Será precisa toda a eternidade para o homem compreender o plano da redenção.* Abrir-se-lhe-á ao entendimento (...) um pouco aqui, um pouco ali. — Manuscrito 21, 1895.

III. Cristo Ministrando no Santuário Celestial

Achamo-nos no grande dia da expiação, e a sagrada obra de Cristo em favor do povo de Deus, a qual está em processo presentemente [1882] no santuário celestial, deve ser nosso constante estudo. — Testimonies, Vol. 5, p. 520.

Oh, pudessem todos contemplar nosso amado Salvador, tal qual é, um Salvador! Deixemos que Sua mão afaste o véu que oculta a nossos olhos a Sua glória. Revela-Se-nos Ele em Seu alto e santo lugar. Que vemos nós? Nosso Salvador, não em atitude de silêncio e inatividade. *Acha-Se Ele rodeado de seres celestiais, querubins e serafins, miríades de miríades de anjos. Todos esses seres celestiais têm um objeto, acima de todos os outros, em que se acham intensamente interessados — a Sua igreja em um mundo de corrupção.* — Carta 89c, 1897.

Ele está em Seu lugar santo, não em estado de solidão e grandeza, mas rodeado de miríades de miríades de seres celestiais, que aguardam as ordens de seu Senhor. E ordena-lhes Ele que saiam a trabalhar em favor do mais fraco dos santos que ponha em Deus sua confiança. Altos e baixos, ricos e pobres, têm ao dispor o mesmo auxílio. — Carta 134, 1899.

Não ponhais vossa influência contra os mandamentos de Deus. Essa lei é tal qual Jeová a escreveu, no templo celestial. Podem os homens pisar sobre sua cópia cá embaixo, mas o original é guardado na arca de Deus, no Céu; e na cobertura dessa arca, justamente acima dessa lei, acha-se o propiciatório. Jesus está justamente

ali, diante da arca, para ser o mediano do homem. — Manuscrito 6a, 1886 (SDA Bible Commentary, Vol. 1, p. 1109.

Todos nós precisamos guardar em mente o assunto do santuário. Não permita Deus que a algazarra do palavreado oriundo de lábios humanos diminua a crença de nosso povo na verdade de que existe um santuário no Céu, e de que uma cópia desse santuário foi outrora construído na Terra. *Deus deseja que Seu povo se familiarize com essa amostra, conservando sempre em mente o santuário celestial, onde Deus é tudo em todos.* — Carta 233, 1904.

Jesus é nosso Advogado, nosso Sumo Sacerdote, nosso Intercessor. Nossa posição é tal qual a dos israelitas no dia da expiação. Quando o Sumo Sacerdote entrava no Santíssimo, representando o lugar onde nosso Sumo Sacerdote está agora intercedendo, e aspergia o sangue expiador no propiciatório, nenhum sacrificio expiatório era oferecido do lado de fora. Enquanto o sacerdote intercedia junto de Deus, todos os corações se inclinavam em contrição, suplicando o perdão das transgressões. — The Signs of the Times, 28-06-1899.

IV. A Segunda Fase do Sacerdócio Abrange o Juízo

Ele cumpriu uma fase de Seu sacerdócio, morrendo na cruz pela raça caída. *Está Ele agora cumprindo outra fase, pleiteando perante o Pai o caso dos pecadores arrependidos e crentes, apresentando a Deus as ofertas do Seu povo. Tendo assumido natureza humana, e tendo nessa natureza vencido as tentações do inimigo, e possuindo perfeição divina, a Ele foi confiado o julgamento do mundo. O caso de cada um será trazido em revista perante Ele. Ele pronunciará juízo, dando a cada homem segundo suas obras.* — Manuscrito 42, 1901.

V. Intercessão Perpétua

O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo, Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores. Diante do véu do lugar santíssimo, estava um altar de intercessão perpétua; diante do lugar santo, um altar de expiação continua. Pelo sangue e pelo incenso deveriam aproximar-se de Deus — símbolos aqueles que apontam para o grande Mediador, por intermédio de quem os pecadores podem aproximar-se de Jeová, e por meio de quem unicamente, a misericórdia e a salvação podem ser concedidas à alma arrependida e crente. — Patriarcas e Profetas, p. 365.

No ritual do sacerdócio judaico somos continuamente lembrados do sacrificio e intercessão de

Cristo. Todos os que hoje se chegam a Cristo devem lembrar-se de que Seu mérito é o incenso que se mistura com as orações dos que se arrependem de seus pecados e recebem perdão, e misericórdia e graça. Nossa necessidade da intercessão de Cristo é constante. — Manuscrito 14, 1901.

VI. Cristo, Tanto Mediador como Juiz

Por experiência pessoal Cristo Se acha familiarizado com a milícia que, desde a queda de Adão, se tem processado constantemente. Quão apropriado, pois, que seja Ele o juiz. A Jesus, o Filho do homem, é confiado todo o juízo. Há um Mediador entre Deus e os homens. Unicamente mediante Ele podemos entrar no reino dos Céus. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. De Sua decisão não há apelação. Ele é a Rocha dos séculos, rocha partida propositalmente, a fim de que toda alma provada, tentada, possa encontrar seguro lugar de refúgio. — *The Review and Herald*, 12-03-1901.

“O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo”. “E deu-Lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem”. Na humanidade que Lhe foi aditada, consiste a razão do encargo de Cristo. Deus confiou ao Filho todo o juízo, pois indiscutivelmente Ele é Deus manifesto em carne.

Era plano de Deus que o Príncipe dos sofredores, em humanidade, fosse juiz de todo o mundo. Aquele que veio das cortes celestes para salvar o homem da morte eterna; Aquele que os homens desprezaram, rejeitaram, e sobre o qual amontoaram todo o desprezo de que são capazes seres humanos inspirados por Satanás; Aquele que Se submeteu a ser citado perante um tribunal terrestre, e que sofreu a ignominiosa morte de cruz — Ele, unicamente, pronunciará a sentença do galardão ou da punição. Aquele que Se submeteu ao sofrimento e humilhação da cruz aqui, segundo o conselho de Deus terá a mais plena compensação, e ascenderá ao trono reconhecido por todo o Universo celestial, como Rei dos santos. Ele empreendeu a obra da salvação, e mostrou perante os mundos não caídos e perante a família celestial, que a obra por Ele iniciada é Ele capaz para completar. É Cristo que concede aos homens a graça do arrependimento; Seus méritos são aceitos pelo Pai em favor de toda alma que contribuir para compor a família de Deus.

Naquele dia de final punição e recompensa, tanto santos como pecadores reconhecerão nAquele que foi crucificado o Juiz de todos os viventes. — *The Review and Herald*, 22-11-1898.

VII. Maravilhosos Resultados da Mediação Sacerdotal de Cristo

A intercessão de Cristo é uma cadeia áurea ligada ao trono de Deus. Ele transformou em oração o mérito de Seu sacrifício. Jesus ora, e pela oração vence. — Manuscrito 8, 1892.

Como nosso Mediador, Cristo atua incessantemente. Quer os homens O aceitem, quer O rejeitem, Ele opera constantemente em seu favor. Concede-lhes vida e luz, empenhado a, por Seu Espírito, tirá-los do serviço de Satanás. E enquanto o Salvador opera, Satanás também opera, com todo o engano da injustiça, e com inquebrantável energia. — *The Review and Herald*, 12-03-1901.

Devia esse Salvador ser um mediador, que Se pusesse entre o Altíssimo e o Seu povo. Mediante essa providência, abriu-se um caminho pelo qual o culpado pecador encontrasse acesso a Deus, graças à mediação de outro. Não podia o pecador apresentar-se em pessoa, tendo sobre si a culpa, e sem mérito maior do que o seu próprio. Cristo, unicamente, poderia abrir o caminho, fazendo sua oferta igual às demandas da lei divina. Ele era perfeito e não maculado pelo pecado. Era sem defeito e sem mácula. — *The Review and Herald*, 17-12-1872.

Cristo é Ministro do verdadeiro tabernáculo, o Sumo Sacerdote de todos os que nEle crêem como seu Salvador; e Seu encargo nenhum outro pode assumir. É Ele o Sumo Sacerdote da igreja, e tem a cumprir uma obra que nenhum outro pode efetuar. Por Sua graça acha-Se Ele apto a guardar da transgressão a todo homem. — *The Signs of the Times*, 14-02-1900.

A fé na expiação e intercessão de Cristo nos conservará firmes e inamovíveis em meio às tentações que nos pressionam na igreja militante. — *The Review and Herald*, 9-06-1896.

O grande plano da redenção, conforme revelado na obra final para estes últimos dias, deve ser estudada cuidadosamente. As cenas relacionadas com o santuário celestial devem de tal modo impressionar o espírito e o coração de todos, que estes sejam capazes de impressionar também a outros. Todos precisam compreender melhor a obra da expiação que está sendo efetuada no santuário do Céu. Quando esta importante verdade for reconhecida e compreendida, os que a abraçaram trabalharão de acordo com Cristo, a fim de preparar um povo que esteja em pé no grande dia de Deus e seus esforços serão bem sucedidos. — *Testemunhos Seletos*, Vol 2, pp. 219 e 220.

A intercessão sacerdotal de Cristo em nosso favor está em processo agora, no santuário de cima. Quão poucos, porém, têm verdadeira compreensão de que nosso grande Sumo Sacerdote

apresenta perante o Pai o Seu próprio sangue, reivindicando para o pecador que O receba como seu Salvador, todas as graças que Seu concerto abrange, como recompensa de Seu sacrifício. Este sacrifício tornou-O mais que suficiente para salvar perfeitamente a todos os que por Ele se chegam a Deus, vendo que Ele vive sempre para interceder por eles. — Manuscrito 92, 1899.

Cristo como Sumo Sacerdote no interior do véu por tal forma imortalizou o Calvário que, embora Ele viva para Deus, Ele morre continuamente para o pecado, e assim, se alguém pecar, ele tem um Advogado com o Pai. Ressurgiu Ele do túmulo envolto numa nuvem de anjos, em maravilhoso poder e glória — combinadas Divindade e humanidade. Tomou em Suas mãos o mundo sobre o qual Satanás alegava presidir como legal território seu, e por Sua maravilhosa obra de dar a vida, Ele restaurou a inteira raça humana ao favor de Deus. Os hinos de triunfo ecoaram e requeoram através dos mundos. Anjos e arcanjos, querubins e serafins, entoaram o triunfante cântico da assombrosa realização. — Manuscrito 50, 1900.

Este é o grande dia da expiação, e nosso Advogado está perante o Pai, pleiteando nosso caso, como nosso Intercessor. Em vez de envolver-nos em vestes de justiça-própria, devemos diariamente ser encontrados a humilhar-nos perante Deus, confessando nossos pecados individuais, buscando o perdão de nossas transgressões, e cooperando com Cristo na obra de preparar nossa alma a fim de que reflita a imagem divina. — Manuscrito 168, 1898 (SDA Bible Commentary, Vol. 7, comentários de Ellen G. White sobre Heb. 10: 19-21).

Como Mediador nosso, Jesus estava plenamente apto a efetuar essa obra de redenção; mas oh! a que preço! O Filho de Deus, sem pecado, foi condenado pelo pecado do qual não participou, a fim de que o pecador, mediante arrependimento e fé, pudesse ser justificado pela justiça de Cristo, quanto à qual ele não tinha mérito pessoal. Os pecados de todos os que já viveram na Terra foram colocados sobre Cristo, atestando que pessoa alguma precisa ser um derrotado no conflito com Satanás. Tomou-se providência para que todos possam apoderar-se da força d'Aquela que salvará perfeitamente a todos os que por Ele se chegarem a Deus.

Cristo recebe sobre Si mesmo a culpa da transgressão do homem, ao mesmo tempo que imputa Sua própria imaculada justiça a todos os que O recebem pela fé, voltando a ser fiéis a Deus. — The Review and Herald, 23-05-1899.

Apresenta Ele ao Pai o incensário de Seus próprios méritos, nos quais não há um vestígio de corrupção terrena. Junta nesse incensário as orações, o louvor e as confissões de Seu povo, e a isso acrescenta sua própria imaculada justiça. Então, perfumado com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso sobe a Deus, completa e in-

teiramente aceitável. Devolvem-se então graciosas respostas. (...) A fragrância dessa justiça ascende qual nuvem em volta do propiciatório. — Manuscrito 50, 1900 (SDA Bible Commentary, Vol. 6, sobre Rom. 8:26 e 34).

VIII. Cristo é Nosso Amigo no Tribunal

Nosso grande Sumo Sacerdote pleiteia diante do propiciatório, em favor de Seu povo remido. (...) Satanás está a nossa mão direita para nos acusar, e nosso Advogado está à destra de Deus para interceder por nós. Ele jamais perdeu uma causa que Lhe fosse confiada. Podemos confiar em nosso Advogado, pois Ele apresenta Seus próprios méritos em nosso favor. — The Review and Herald, 15-08-1893.

Ao tornar-Se Sumo Sacerdote, Cristo não Se glorificou a Si mesmo. Deus Lhe deu a incumbência do sacerdócio. Devia Ele ser um exemplo a toda a família humana. Ele qualificou-Se para ser, não só o representante da raça humana, mas seu Advogado, de modo que toda alma, se quiser, poderá dizer: Tenho um Amigo no tribunal. Ele é um Sumo Sacerdote que se pode compadecer das nossas fraquezas. — Manuscrito 101, 1897.

Jesus oficia na presença de Deus, oferecendo Seu sangue derramado, como se fosse o de um cordeiro sacrificado. Jesus apresenta a oblação ferecida em favor de toda e qualquer ofensa e toda e qualquer fraqueza do pecador.

Cristo, nosso Mediador, e o Espírito Santo estão constantemente intercedendo em favor do homem, mas o Espírito não intercede por nós como faz Cristo, que apresenta Seu sangue, derramado desde a fundação do mundo; o Espírito atua em nosso coração, atraindo nossas orações e penitências, louvores e ações de graças. — Manuscrito 50, 1900 (SDA Bible Commentary, Vol. 6, sobre Rom. 8:26 e 34).

Quando Cristo ascendeu ao Céu, ascendeu como nosso Advogado. Nós sempre temos um amigo no tribunal. E lá do alto Cristo envia Seu representante a toda nação, tribo, língua e povo. O Espírito Santo concede a unção divina a todos os que recebem a Cristo. — The Christian Educator, agosto de 1897, p. 22.

Ele pagou o dinheiro do resgate para o mundo todo. Por Ele todos podem ser salvos. Ele apresentará a Deus os que nEle crêem, como leais súditos de Seu reino. Ele será seu Mediador, assim como Redentor seu. — Manuscrito 41, 1896.

Quando Cristo morreu na cruz do Calvário, abriu-se um novo e vivo caminho, tanto a judeus como a gentios. O Salvador devia daí por diante officiar como sacerdote e advogado, no Céu dos céus. Daí por diante o sangue de animais oferecido pelos pecados nenhum valor tinha, pois o Cordeiro de Deus morrerá pelos pecados do mundo. — Manuscrito 127.

O braço que ergueu a família humana da

ruína trazida por Satanás à raça mediante suas tentações, é o braço que preservou do pecado os habitantes dos outros mundos. Todos os mundos, através da imensidade, ocupam a atenção do Pai e do Filho; e este cuidado é continuamente exercido em favor da humanidade caída. Cristo está intercedendo em favor do homem, e a ordem dos mundos invisíveis também é conservada por Sua obra mediatória. Não são esses temas de suficiente magnitude e importância para ocupar nossos pensamentos, e atrair-nos o reconhecimento e a adoração para com Deus? — *Mensagens aos Jovens*, p. 254.

IX. Tornou-se Homem a fim de que Pudesse Ser Mediador

Jesus tornou-Se homem a fim de que pudesse mediar entre o homem e Deus. Revestiu de humanidade a Sua divindade, associou-Se com a raça humana, a fim de que com Seu longo braço humano pudesse estreitar a humanidade, e com Seu braço divino alcançar o trono da Divindade. E isto, para que pudesse restaurar no homem a mentalidade original, que ele perdera no Éden, pela sedutora tentação de Satanás; a fim de que o homem reconhecesse que é para seu bem-estar presente e eterno obedecer aos reclamos de Deus. A desobediência não está de acordo com a natureza que Deus concedeu ao homem no Éden. — Carta 121, 1897.

A inteireza de Sua humanidade, a perfeição de Sua divindade, compõem para nós um sólido terreno, no qual podemos ser levados à reconciliação com Deus. Foi quando éramos ainda pecadores, que Cristo morreu por nós. Temos redenção por Seu sangue, mesmo o perdão dos pecados. Suas mãos traspassadas pelos cravos, acham-se estendidas para o Céu e para a Terra. Com uma das mãos segura Ele os pecadores na Terra, e com a outra alcança o trono do Infinito, fazendo assim a nossa reconciliação. Cristo é hoje nosso Advogado perante o Pai. É o único Mediador entre Deus e o homem. Tendo as cicatrizes de Sua crucifixão, Ele defende a causa de nossa alma. — Carta 35, 1894.

X. O Advogado Celestial Conserva para Sempre a Natureza Humana

Cristo ascendeu ao Céu, possuindo uma santificada, santa humanidade. Levou essa humanidade consigo para as cortes celestiais, e através dos séculos eternos Ele a possuirá, como Aquele que remiu cada um dos seres humanos da cidade de Deus. — *The Review and Herald*, 9-03-1905.

Por designação Sua própria, Ele [o Pai] colocou junto ao Seu altar um Advogado revestido de nossa natureza. Como Intercessor nosso, Sua obra oficial é apresentar-nos a Deus como Seus filhos e filhas. Cristo intercede em favor daqueles que O receberam. A estes dá Ele poder, por virtude dos próprios méritos dEle, para tornarem-se mem-

bros da família real, filhos do Rei celestial. — *Testimonies*, Vol. 6, pp. 363 e 364.

É prerrogativa nossa, pela fé, contemplar a Jesus e vê-Lo colocado entre a humanidade e o trono eterno. Ele é nosso Advogado, apresentando a Deus nossas orações e ofertas como sacrifícios espirituais. Jesus é a grande propiciação, isento de pecado, e por Seu mérito, Deus e o homem podem juntos manter entendimento. Cristo levou para a eternidade a Sua humanidade. Coloca-Se Ele perante Deus como o representante de nossa raça. — *The Youth's Instructor*, 28-10-1897.

Jesus, unicamente, podia dar fiança a Deus, pois Ele era igual a Deus. Ele, somente, podia ser mediador entre Deus e o homem, pois possuía divindade e humanidade. Jesus pôde assim ser fiador para ambas as partes, para cumprimento das condições prescritas. Como Filho de Deus, oferece Ele fiança a Deus em nosso favor, e como a Palavra eterna, e como igual ao Pai, assegura-nos Ele o amor do Pai a nós os que cremos em Sua palavra empenhada. Quando Deus quis assegurar-nos de Seu imutável conselho de Paz, deu-nos Seu Filho unigênito para que Se tornasse um da família humana, retendo para sempre Sua natureza humana, como penhor de que Deus há de cumprir Sua palavra. — *The Review and Herald*, 03-04-1894.

A reconciliação do homem com Deus só podia efetuar-se mediante um mediador que fosse igual a Deus, possuindo atributos que O dignificassem, declarando-O digno de tratar com o Infinito Deus em favor do homem, e que também representasse Deus a um mundo caído. O substituto e penhor do homem tinha que ter a natureza humana e achar-se relacionado com a família humana a quem devia representar e, como embaixador de Deus, tinha que participar da natureza divina, relacionar-se com o Infinito, a fim de manifestar Deus ao mundo, e ser mediador entre Deus e o homem. — *The Review and Herald*, 22-12-1891.

MUDOU DE ENDEREÇO?

Para que não se interrompa a remessa de O MINISTÉRIO ADVENTISTA, envie o seu novo endereço à Caixa Postal, 34 — 09000 - SANTO ANDRÉ — São Paulo. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

NOVO endereço

Países Socialistas Recebem a Bíblia

Stuttgart (CIC). Segundo a Aliança Bíblica Internacional, com sede em Stuttgart, Alemanha Ocidental, intensificou-se ultimamente a distribuição da Bíblia na Europa Oriental. No ano de 1974, cerca de 950 mil Sagradas Escrituras foram distribuídas nos países europeus orientais, na maioria de regime socialista. A aliança Bíblica Internacional não tem encontrado dificuldades na distribuição de Bíblias por parte dos Governos destes países socialistas. Desta maneira, tem sido possível sua ajuda às várias Igrejas de diferentes confissões naquela parte da Europa.

Uma Definição: O que é o Ecumenismo

O Prof. Daniel Silveira, em artigo escrito para a imprensa evangélica, define o Ecumenismo nestes termos: "Porque somos amigos de uma pessoa e a tratamos com respeito não significa que aceitemos todos os seus pontos de vista sobre religião ou sobre qualquer outro assunto. A experiência é: concordamos, com algumas idéias dos nossos amigos; discordamos mas toleramos algumas outras idéias dos nossos amigos; discordamos fundamentalmente, e não aceitamos algumas idéias dos nossos amigos. Apesar disso, são nossos amigos. Temos satisfação em encontrá-los, alegramo-nos em recebê-los em nossa casa, em oferecer-lhes o agasalho da amizade e em receber deles outro tanto. Quando isso ocorre entre igrejas, temos Ecumenismo.

Num mundo dividido entre os que crêem e os que não crêem, as diversas igrejas cristãs, que já acordaram para a realidade dessa divisão, estão prontas a escolher o seu lado — o lado dos que crêem. Isso é Ecumenismo.

Há os que não são ecumênicos porque nada têm a oferecer — nem passado, nem tradição, nem princípio, nem nome. Tudo é alheio, tudo mal entendido, tudo mal copiado dos outros..." (CEI — Abril de 1974, N.º 89)

Jovem Crê em Deus e Descrê na Igreja

Madri (CIC). A Comissão Episcopal de Pastoral da Espanha publicou recentemente os resultados de uma pesquisa sobre a juventude espanhola. São estudos feitos por diversos organismos e abordam os problemas da juventude na família, no trabalho e, além disso, analisam a religiosidade dos jovens e o seu relacionamento com a fé. O informe afirma que a grande maioria da juventude ainda acredita na existência de Deus, embora a vida de fé não ultrapasse o nível teórico.

NOTAS breves